Acervo ISA

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Liberal Class.: Waiana-Apalai 07

Data: 20/03/90 Pg.:

Índios da Amazônia pedem devolução de territórios

Copenhague (AFP) — Os índios da Amazônia brasileira temem choques entre diferentes tribos dispersadas à força pelo governo e reunidas nas mesmas áreas, afirmou em Copenhague Yaki Apalai, líder da tribos dos Apalai.

Cerca de 600 apalai foram deslocados para o sul de seu território e instalados, não sem problemas junto com 400 wayana, declarou.

Yaki viaja atualmente pela Dinamarca para contar a vida de sua tribo, sua luta para salvar sua cultura e, sobretudo, os bosques tropicais, ameaçados pelos especuladores e pelas empresas de mineração estrangeiras.

"Queremos voltar a nossas terras", disse, "mesmo se a metade dela já tiver sido destruída pelos brancos que são a maior ameaça a nossos recursos e à nossa reistência".

O líder indígena denunciou que a nova área onde está vivendo tem "menos caça, menos peixes que a antiga reserva", que a sua cultura estava "ameaçada de morte pelos missionários", e que "a coexistência com os índios Wayana corre o risco de ser, a longo prazo, conflitiva".

Os Apalai não querem "viver nem como selvagens, nem como brancos", recordou o chefe indígena, mas "têm necessidade de escolas, de centros de cuidados, de transportes, para melhorar sua situação".

A situação piorará se os índios não obtiverem o direito de voltar as suas terras, como pedem à justiça brasileira.

Walter Amoras, do centro de pesquisas sobre a floresta tropical, de Belém, que acompanha Yaki, denunciou "o desenvolvimento perverso feito nos anos 60 pelas autoridades brasileiras, que outorgaram concessões mineradoras a empresas estrangeiras com graves conseqüências para as minorias indígenas".

O especialista, que também trabalha na sociedade de preservação da cultura e dos recursos naturais da Amazônia (Sopren), uma das mais antigas organizações ecológicas em operação na zona, recordou que o governo havia proibido e perseguido os partidos políticos e a todos os que se opunham a esse desenvolvimento".

Amoras estimou que "é necessário rever a ocupação sócio-econômica da Amazônia, invadida por 40 mil garimpeiros, frente a 10 mil índios". Ele manifestou também sua esperança de que a nova Constituição adotada no ano passado respeite a defesa dos direitos das minorias, ainda que tenha se mostrado cétido, ressaltando que o novo presidente estava ao lado dos grande latifundiários e por isso a favor do status quo.

"A Amazônia deve se desenvolver", afirmou, "mas não em condições catastróficas. Ela necessita de um desenvolvimento que leve em conta o meio ambiente e as pessoas que habitam e não um punhado de países ricos que pilha suas riquezas baratas".